

PRÓLOGO

O vento guerreava entre as ondas do mar, na perpétua teimosia de impor a sua força. Empurrava-as e elevava-as. Sustinha-as nos seus braços selvagens para, no fim, as deixar tombar desamparadas no vazio. E rugia... Bramia com o ímpeto de mil demónios, enquanto o cheiro intenso da maresia se misturava com o odor da lenha queimada nas lareiras das aldeias. Nos domínios dos Viquingues, o Outono impiedoso anunciava a sua chegada, ameaçando gelar todas as criaturas sob uma mortalha de nevoeiro glacial. Porém, no topo da Montanha Sagrada era como se o perfume da Primavera ainda deleitasse os sentidos.

Uma brisa sadia acariciava as faces de Kelda e enredava-se nos seus longos caracóis negros, fazendo-os esvoaçar em torno do corpo franzino. Sob a aura protectora da Pedra do Tempo, a filha do Rei da Lua e da Rainha do Sol observava o mundo que se estendia aos seus pés, com uma curiosidade serena. Os dedos das mãos sobravam para contar as vezes que os pais lhe tinham permitido que descesse a Montanha, a fim de visitar os tios e os primos. No entanto, a tranquilidade da sua existência não a aborrecia. A sua casa provia-lhe tudo aquilo de que necessitava. Sentia-se aconchegada e segura. Tinha companhia para brincar e intrincados enigmas para desvendar, nos livros escritos pelo seu tetravô Hakon, o feiticeiro conhecido por «O Que Tudo Vê». Além disso, apesar de os pais não lhe poderem dedicar muito tempo, sabia que era amada... E tamanha bênção chegava para ser feliz.

A ascendência feiticeira dos Guardiães das Lágrimas do Sol e da Lua concedia-lhes um elevado poder místico. Ainda assim, viviam assombrados pelo temor de uma ameaça misteriosa. Dia após dia,

embrenhavam-se no treino da Arte Luminosa, preparando os seus pupilos para defrontarem um inimigo que asseguravam ser terrível e implacável. No entanto, Kelda nunca vira nem escutara nada que pressagiase o menor perigo. Encontravam-se rodeados pelos reinos do Norte... E só um louco ousaria desafiar os Viquingues, os Vândalos e o Povo da Terra!

— Kelda... Porque não respondes?

A menina fixou a mãe, sobressaltada. Estava tão distraída que nem escutara o seu apelo. Edwina, Guardiã da Lágrima do Sol, era uma mulher alta e robusta, que irrogava respeito com um simples olhar. Nesse instante, a cintilação azul-celeste denunciava o quanto estava aborrecida e a sua voz, quase sempre afável, exasperava-se ao indagar:

— Onde está Halvard?

Kelda encolheu os ombros, sentindo o fedor de sarilhos a empestar o ar.

— Não o vejo desde manhã.

— Ele prometeu-me que não sairia de junto de ti!

O desabafo de Edwina carregava a indignação de ter sido novamente enganada. Sabia, há muito, que não podia confiar numa palavra proferida pelo seu varão. Porém, acabava sempre por lhe dar mais uma oportunidade, expectando que o carinho e a tolerância emendassem a sua personalidade retorcida. Todavia, começava a perder a esperança...

— Vai chamá-lo — solicitou com um suspiro. — Thorson e Oriana aguardam-vos para iniciarem o treino.

— E porque tenho de ser sempre eu a ir atrás de Halvard? — atreveu-se a filha a protestar.

— Era só o que me faltava! — exclamou a mãe, exaltada. — Agora também reclamas do que te peço? Vai imediatamente buscar o teu irmão!

Kelda franziu o cenho, mas apressou-se a obedecer. Contudo, mal tomara a direcção do bosque, deteve-se e questionou com ansiedade:

— Quando voltar, posso ler os livros de «O Que Tudo Vê»?

— Quantas vezes já te disse que não? — objectou asperamente a Guardiã da Lágrima do Sol. — Tens de participar nos exercícios...

— Mas eu não sou capaz de fazer o mesmo que os outros! — insurgiu-se a pequena.

— Nem nunca serás, se perseverares nessa má vontade. Agora despacha-te, se não queres que me zangue!

Kelda rangeu os dentes e desapareceu por entre as árvores. Edwina ergueu os olhos ao céu e soprou o ar. Depois deixou os ombros pen-

derem, desalentada. Às vezes achava que era mais difícil educar os seus filhos do que combater um mestre da Arte Obscura. Halvard não sossegava, constantemente a correr, a explorar, a esmiuçar tudo em que assentava as mãos. Se tentavam corrigi-lo, rebelava-se, bradava e esperneava. Como se isso não bastasse, ultimamente tornara-se agressivo para com Thorson e Oriana, complicando ainda mais o dilema de seus pais. Quanto a Kelda, à primeira vista parecia um amor de criança: terna e dedicada, serena e aplicada nos estudos... Porém, em determinadas situações, conseguia ser ainda mais tortuosa do que o irmão gémeo.

Sempre que se contrariava a vontade de Halvard, devia esperar-se uma birra. No entanto, passado o alvoroço, ele arranjava um novo interesse e esquecia o anterior. Em contrapartida, dizer que não a Kelda era dar-lhe um pretexto para lutar pela sua causa até à exaustão. Fazia-o pela calada, deixando que o sucedido se apagasse da memória dos adultos, para depois voltar a atacar com novos argumentos e uma teimosia que não conhecia rival. As suas tias Thora e Freya, que a adoravam com paixão, costumavam gracejar dizendo que Halvard perdia com um brado e Kelda vencia com um sorriso.

Presentindo movimento nas suas costas, Edwina virou-se para encarar o marido. Ao deparar com a sua expressão agravada, Edwin, Guardião da Lágrima da Lua, resmungou irritado:

— Não me digas que Halvard tornou a desobedecer!

— Aguardemos um pouco — suplicou a esposa, num esforço para apaziguar-lhe o ânimo. — Kelda foi chamá-lo... Talvez não se tenha afastado.

O Rei da Lua passou a mão pela testa, mastigando a ira antes de volver:

— Estou a perder a paciência! Tratamo-los com demasiada brandura e o resultado é essa falta de respeito. Começo a acreditar que só conseguiremos obter resultados recorrendo à mesma frieza e rigor que os nossos mestres nos impuseram.

— Não estás a falar a sério! — indignou-se a Rainha do Sol. — Eu amava «O Que Tudo Vê», mas a sua severidade marcou-me profundamente. E tu quase morreste às mãos de Sigarr! Nenhum de nós soube o que era rir, brincar, ser criança. Não quero que os nossos filhos sofram...

— Eles acabarão por sofrer, Edwina! É tão inevitável como o nascer do dia e o cair da noite... Nós nem sempre estaremos ao seu lado, para resguardá-los da iniquidade da magia. Não sei se delongar a revelação

da ameaça que paira sobre o seu futuro é uma boa opção. Halvard e Kelda devem entender que os treinos da Arte não são uma frivolidade. Que, no fim, o seu empenho determinará se sobrevivem ou se morrem!

Fez uma pausa para recuperar o fôlego. Depois, estreitou a mulher e amimou-a contra o peito, continuando, apreensivo:

— Nunca ouviste o Thorson e a Oriana reclamarem das nossas instruções... Porque não exigir igual esmero aos nossos filhos? Eles estão prestes a fazer nove anos. Têm idade para distinguir o que é certo do que é errado! Se teirmos em fechar os olhos às suas insurreições, Halvard acabará por ser tentado pela Arte Obscura e arrastará Kelda para o abismo. Depois de tudo por que passámos, juro-te que não havemos de perdê-los!

Um soluço sufocado atingiu a percepção de Edwin, interrompendo-lhe o ardoroso discurso. No calor da perturbação, nem reparara que os seus pupilos o tinham seguido. Thorson quedava-se com uma expressão sombria e Oriana tremia tanto que mal se sustinha nas pernas.

— Chega aqui, querida — murmurou Edwina, amparando a protegida. — Não te assustes.

— Não quero que aconteça nenhum mal à Kelda! — gemeu a jovem, angustiada.

Edwin fixou o rosto pálido de Thorson. Não obstante a ansiedade causada pelo que ouvira, o olhar azul-celeste do rapaz continha uma resolução, um espírito de sacrifício que o Rei da Lua não se cansava de elogiar. Foi essa força de carácter que o ajudou a firmar uma decisão. Pousou-lhe uma mão sobre o ombro e declarou:

— Hoje não haverá treino. Mal Halvard e Kelda regressem, iremos conversar sobre o propósito dos vossos estudos. Não podemos desafiar a sorte, quando o que está em causa é o destino de todos os povos da Terra.

A constituição de Kelda tornava-a extremamente ágil. Corria como o vento, esgueirando-se por entre os arbustos e saltando sobre as pedras e as raízes altas das árvores. Todavia, assim que o bosque a encobriu do olhar atento da mãe, retardou o passo e começou a andar, com os punhos fechados e a testa franzida, esmurrando os ramos que surgiam à sua frente.

A sucessiva desobediência do irmão à disciplina imposta pelos pais começava a enfadá-la. Será que ninguém via que Halvard só se comportava mal para chamar a atenção? Se bem o conhecia, haveria de encontrá-lo sentado na margem do ribeiro, a mascar caules de flores e a

importunar as criaturas da floresta. Ultimamente, o maior divertimento do rapaz era pegar fogo às asas das borboletas, para extremo horror de Oriana. Na opinião de Kelda, o mínimo que a mãe podia fazer para recompensá-la pelo esforço de convencer o seu gêmeo a acompanhá-la até casa, era não forçá-la a desperdiçar a tarde numa espera que se adivinhava inútil.

Há mais de três anos que Halvard experimentara aquilo que descrevia como um calor no sangue. Se igual sorte estivesse reservada a Kelda, a magia também teria despertado na sua essência. Porém, nada acontecera. Ainda assim, os pais obrigavam-na a assistir aos treinos da Arte, ignorando os seus bocejos e suspiros de impaciência. No fundo, acalentavam a esperança de que a aura que os envolvia fizesse desabrochar o poder da filha. Todavia, a pequena estava convicta de que não herdara a habilidade mística dos seus antepassados.

Essa certeza dimanava de uma das muitas conversas que Kelda costumava escutar em segredo, na qual descobrira que, durante a gravidez, a Guardiã da Lágrima do Sol assimilara a energia pura de uma feiticeira. Quando a magia se manifestara em Halvard e ignorara a irmã, a família alvitrou que o rapaz teria absorvido a totalidade do poder guardado no ventre de sua mãe. Tal justificaria a inaptidão de Kelda... E essa possibilidade consolidava-se à medida que a destreza de Halvard se desenvolvia com impressionante rapidez, já se equiparando à do seu primo Thorson, não obstante a diferença de idades.

Embora tivesse desistido de tentar controlar as forças da Terra, do Fogo, do Ar e da Água, Kelda depressa achara novos motivos de interesse. A sua mente sagaz não tardara a concluir que os desenhos pintados pelo punho do seu tetravô Hakon, nas paredes da gruta onde morava, relatavam a história da Terra desde os primórdios, nomeadamente a ascensão dos Feiticeiros sobre as restantes raças de sangue mágico, assim como a sua posterior retirada para a Ilha Sagrada, no momento em que o Homem reclamara a independência da vontade. Por outro lado, os livros forrados a pele que os seus pais guardavam também lhe estimulavam a curiosidade. E um deles revelara-se especial! A sua capa era negra e as folhas grossas, amarelecidas pelo tempo, estavam preenchidas com uma letra tão miúda que se tornava quase impossível decifrá-la. Contudo, com um pouco de empenho, Kelda depreendera que estas albergavam as fórmulas de intrincados e impressionantes feitiços — o legado de «O Que Tudo Vê» aos seus descendentes de sangue misto, para que jamais se vissem em desvantagem perante os Seres Superiores.

A declaração desse prodígio extasiara Kelda. E a sua perplexidade aumentara ao verificar que nenhum dos aprendizes de magia, nem mesmo Thorson, conseguia interpretá-lo. Em conclusão, a pequena era incapaz de executar o mais simples dos sortilégios, mas distinguia palavras onde os habilidosos companheiros só enxergavam riscos. Outro, no seu lugar, ter-se-ia vangloriado... Porém, no instante em que se apercebera do cuidado, até receio, que o dito livro inspirava aos pais, Kelda cerrara os lábios, adivinhando que o esconderiam se confessasse a verdade. Assim, de vez em quando, podia espreitá-lo sem despertar atenções. E, sempre que o fazia, era como se escutasse a voz do seu tetravô, recitando os encantamentos como um *skald* declamaria um poema. As frases flutuavam-lhe na mente, qual melodia de uma canção... e persistiam. Bastava que as lesse uma única vez para jamais esquecê-las.

O som inconfundível do ribeiro fez com que Kelda acelerasse o passo. Aquele lugar fascinava-a... Afinal, fora ali que nascera! Não resistiu a correr, até que as copas das árvores se abriram e a luz mística da Montanha incidiu sobre a água cristalina, originando um brilho tão intenso que a obrigou a proteger os olhos.

Mal se habituou à claridade, maravilhou-se com a beleza que a rodeava. O ribeiro fluía com vigor; deslizava sobre um leito de pedra tão polida quanto um escudo e revolia os seixos que enfeitavam as margens. A brisa amena afragava as folhas das árvores, alimentando o ar com um odor perfumado. Pássaros voaram ao seu encontro, piando alegremente como se a cumprimentassem, antes de desaparecerem no bosque... Kelda sorriu, ao recordar o dom de Oriana para atraí-los com o canto. Se a amiga ali estivesse, bastar-lhe-ia estender os braços e as pequenas criaturas viriam pousar-lhe nas mãos.

Onde se teria Halvard enfiado? A irmã ponderou chamá-lo, mas deteve-se. Há dias que ele se comportava de um modo estranho. Se o apanhasse desprevenido, descobriria o que andava a tramar! Ainda assim hesitou. Não lhe agradava subir o ribeiro... Os Guardiães sempre os avisavam para terem cuidado com a fera que habitava aquelas paragens. Contavam que, certa manhã, enquanto passeavam junto à margem, o estrondoso rugido do animal ecoara através da Montanha e gelara-lhes o sangue. A senhora Doralia jurava que essa era a razão por que nunca se afastava da gruta. Contudo, parecia que ninguém, efectivamente, avistara a terrível criatura.

Na altura, Halvard e Kelda eram bebês, logo não se recordavam do incidente. E, embora Thorson e Oriana garantissem a veracidade

do relato, Halvard suspeitava de uma combinação para o assustar e mantê-lo perto de casa. Afirmava a pés juntos que a fera não existia! Por isso, a irmã surpreendera-se quando, na outra noite, o ouvira indagar acerca dessa história. Os pais tinham-na repetido, julgando estar a desencorajar as arrojadas explorações do seu varão... Agora, Kelda interrogava-se se o alerta não surtira o efeito contrário.

Apesar da tenra idade, a menina sentia-se responsável pelo irmão. Era certo que Halvard conseguia ser insuportável e irritante, mas, para ela, guardava sempre um sorriso e um gesto de afecto. Até os pais concordavam que Kelda era a única pessoa capaz de tocar o coração do seu gémeo. Por isso entregavam-lhe a complicada incumbência de chamá-lo à razão. A pequena respirou fundo, ciente de que teria de vencer o medo se queria buscá-lo. Porém, a caminhada deixara-a sedenta... Nenhum mal adviria de se delongar um pouco para beber água.

Ansiosa por sentir a frescura a deslizar pela garganta, Kelda ajoelhou-se na margem escorregadia do ribeiro. Depois uniu as mãos até formarem um vaso e sorveu o líquido com avidez. Já restabelecida, preparava-se para continuar quando um raio de luz incidiu sobre os seixos... E um destacou-se dos demais, cintilando como uma estrela.

A menina ofegou, deslumbrada com a miríade de cores que se fundiam diante dos seus olhos. Quase receosa, agarrou a estranha pedra e verificou tratar-se de um búzio, igual a tantos outros que o mar arrastava até à praia. Entre os seus dedos, a fulgurante pulsação extinguiu-se... Decerto não passara de um efeito da luz sobre a água! Ainda assim, intrigava-a o facto de uma criatura do mar ter ido parar ao topo da Montanha Sagrada. Talvez por isso, enfiou-a dentro do bolso do vestido, antes de se dispor a prosseguir.

Iniciou a subida do ribeiro com o fôlego preso, rumo à cascata onde Halvard gostava de se banhar. Os pais ficariam com os cabelos em pé se sonhassem o quanto o seu varão costumava afastar-se de casa... E nada satisfeitos quando soubessem que ela enveredara sozinha por aquele trilho! Será que devia voltar para trás?

Estacou, subitamente arrepiada, desejando que Thorson e Oriana estivessem consigo para ajudá-la a decidir. O primo abraçá-la-ia e afugentaria os seus temores, ao passo que a amiga a mimaria e faria sorrir, cantando e dançando rodeada de pássaros e de borboletas. Kelda adorava-os! Oriana era como sua irmã... E Thorson, o eleito do seu coração, carinhoso e protector, forte e inteligente, sempre disposto a ensinar-lhe coisas novas. Um dia, quando crescessem, haveriam de se casar! Kelda não possuía a menor dúvida de que Thorson lhe estava

destinado... E por isso entristecia-se ao vê-lo desentender-se com Halvard. Mais parecia que o seu gémeo regozijava, sempre que arranjava um conflito com Thorson ou Oriana. Ser forçado a partilhar a atenção dos pais consumia-o de ciúme. O seu temperamento aguerrido piorara ainda mais após o despertar da magia. Durante os treinos, competia contra o primo com tamanha agressividade que, por vezes, os Guardiães eram obrigados a interferir.

Pensar que Halvard acabaria por ser castigado, convenceu Kelda a avançar. Todavia, as suas pernas pesavam e recusavam-se a obedecer. Engoliu em seco, tomada por uma angustiada ansiedade. Estaria a imaginação a pregar-lhe uma partida? Subitamente, a claridade esmorecia e um estranho rumor perturbava a harmonia da floresta. A pequena quase sufocou de susto... Ia jurar que ouvira vozes a ciciarem! Devagar, recuou um passo; depois outro...

— *Kelda...*

O apelo rasgou o ar, claro e urgente. Kelda balbuciou uma interjeição aflita... Então, o som repetiu-se, vindo inequivocamente da margem oposta do ribeiro, onde uma árvore majestosa se impunha sobre as companheiras. O tronco escurecido pela idade era tão robusto que seriam necessários muitos homens para abraçá-lo. E, na sua base, pouco acima da linha de água, existia um buraco que parecia mergulhar nas profundezas da terra.

Com o coração a galope, Kelda tentou vislumbrar para além do negrume daquela cova. Poderia ser o covil de um animal? Porém, os animais não falavam e ela escutara o seu nome! Quase gritou ao sentir um calor morno a envolver-lhe os pés. Respirando aos borbotões, baixou o olhar e deparou com um nevoeiro colorido e húmido, que se libertava do solo como se fosse vapor, formando uma nuvem que já lhe engolira as botas e roçava a barra do vestido.

Nesse instante, o chamamento tornou a ecoar:

— *Kelda...*

Com a lentidão do pavor, a menina ergueu o rosto para fixar a colossal árvore. Do buraco há pouco preenchido por cerração, sobressaíam agora duas chamas amarelas, tão fulgurantes como tochas. Incapaz de se conter, Kelda levou as mãos ao peito, bradando com todas as forças. E, enquanto o seu clamor sobressaltava a floresta, um rugido fenomenal troava-lhe dentro da mente, incendiando cada gota do seu sangue.

— *Kelda! Acorda, Kelda!*

A expressão irada do seu gêmeo foi a primeira coisa com que a pequena se deparou, ao recuperar os sentidos. Halvard prendia-a contra o solo e arrostava-a, furioso:

— O que fazes aqui? Andas a espiar-me?

— A fera...

— O quê?

— A fera é real! — titubeou Kelda num fio de voz. — Ali... No covil...

— Qual covil? — replicou Halvard com maus modos, ajudando-a a suster-se. — Aquele buraco na árvore? Já lá estive... A entrada está coberta por teias de aranha. Há anos que nem um rato ali entra!

— Estou a falar a sério! — protestou ela, num arquejo assustado. — Juro que a vi!

A sua vontade era fugir a sete pés... Porém, o irmão prendia-a com firmeza. E, se assim não fosse, provavelmente acabaria por se estatelar no chão, pois o seu corpo dorido parecia feito de geleia. Halvard obrigou-a a encará-lo, retrucando num tom que misturava ansiedade e ira:

— Ai sim? E como é? Grande e forte como um urso? Feroz como um tigre?

— Não sei... Estava escuro...

— Estás a troçar de mim?

— Vamos embora — suplicou Kelda à beira das lágrimas. — Que importância tem...?

— Importância? — repetiu ele, afogueado. — És mesmo parva! Não vês que essa fera é uma criatura sagrada, como aquelas que habitam as essências dos grandes guerreiros? Eu já a vi nos meus sonhos... Corre à minha frente. Desdenha de mim. Tenho de matá-la! Se arrebatas o seu espírito, tornar-me-ei o maior guerreiro-feiticeiro que o mundo já conheceu.

A pequena mal acreditava no que ouvia e só a custo conseguiu ripostar:

— Não podes estar a falar a sério!

— Vem — ordenou o rapaz, ignorando o seu pasmo. — Mostra-me exactamente onde a viste.

— Não! — retrucou Kelda e tentou resistir ao aperto das mãos de ferro, que a empurravam para o ribeiro. — Estás louco, Halvard?

— Vem, cobarde! — praguejou ele. E como a irmã resistia, debatendo-se e fincando os pés na terra, susteve-a e arremessou-a sobre um ombro, ignorando os seus gritos de terror.

Um estranho jamais diria que Halvard e Kelda eram irmãos, quanto mais gémeos. A única semelhança que partilhavam era o verde intenso do olhar. Não obstante possuírem cabelos encaracolados, os de Kelda eram negros como a mais profunda das noites, ao passo que os de Halvard detinham a cor do ouro e estavam repletos de fios rubros. Porém, a maior diferença salientava-se na compleição. Enquanto ela era pequena e esguia, ele orgulhava-se de ser extraordinariamente alto e vigoroso para a idade, aparentando ter doze ou treze anos. Podia carregá-la sem dificuldade... E foi o que fez, atravessando o leito de rocha polida sem se importar com o ímpeto da água. Só na outra margem deixou a irmã escorregar para o chão. Entretanto, o rosto de Kelda perdera a palidez do medo e ganhara o rubor da fúria. Tentou acertar em Halvard com os punhos cerrados e ele teve de voltar a imobilizá-la, a fim de evitar os seus pontapés.

— Estúpido — bradava a menina exasperada. — Larga-me, sua besta!

O seu gémeo fincou-lhe os dedos nos cabelos e empurrou-a até à árvore. A bruma tombara sobre os dois e pouco ou nada se enxergava. Todavia, implacável na determinação, Halvard impôs-lhe que olhasse para a cova, urrando exaltado:

— Foi aqui que a viste? Diz-me!

— Não! — guinchou Kelda, estrebuchando com veemência. A raiva deixava-a cega e surda ao medo, mas não lhe toldava o raciocínio. O irmão nunca a tratara assim! Estava a magoá-la por causa de uma fera sagrada? Pois, à sua conta, jamais a encontraria! Empinou o nariz e exclamou: — Eu menti!

— O... O quê? — entaramelou Halvard, atordoado. E a sua gémea prosseguiu, resoluta:

— Ouvi-te interrogar o pai e inventei essa história para deslindar o teu propósito.

— Não pode ser...

Kelda enfrentou o olhar confuso e retrucou com arrogância:

— O que foi? Há pouco não acreditavas que eu tivesse visto alguma coisa e agora já duvidas do contrário? Não existe fera nenhuma! E, mesmo que existisse, jamais se revelaria a alguém tão mau como tu! São as criaturas sagradas que escolhem aqueles que hão-de receber os seus espíritos... E tu não és digno nem do espírito de uma carraça!

— Como te atreves? Dou cabo de ti se não dizes a verdade!

Furibundo, o rapaz derrubou a irmã, prendendo-lhe as mãos e os pés. Kelda gemeu de dor e contorceu-se, mas Halvard era demasiado forte.

— Confessa! — bramia ele, sacudindo-a. — Queres enganar-me porque descobriste o valor da fera. Achas que ela te escolheu...

— Deixa-me! Estás a magoar-me!

— Pois não roubarás o meu poder. Arrancar-te-ei os olhos, antes que tornes a vê-la...

— Larga-a imediatamente!

De súbito, o peso de Halvard cessou de esmagar Kelda. A pequena arquejou, sôfrega por ar, piscando os olhos para clarear a visão. No meio do tumulto reconhecera a voz zangada de Thorson... No entanto, era Oriana quem a estreitava e embalava com ternura. Aflita, procurou o irmão e o primo e divisou-os a poucos passos, envolvidos numa discussão ardente:

— Enlouqueceste? — inquiria Thorson, agastado, posicionando-se de modo a proteger as raparigas. — O que te passou pela cabeça para agredires a Kelda?

— Não tens nada a ver com isso! — respingava o mais novo, cuspidando desprezo.

— Nem penses que escaparás impune...

— E o que vais fazer? — defrontou-o Halvard. — Queres bater-me? Pois desafio-te a tentar...

— És mesmo imbecil!

— Vem, Thorson! Ou tens medo de mim?

— Eu devia dar-te uma lição!

Ao escutar esse rugido exaltado, Kelda livrou-se de Oriana e cambaleou até aos rapazes, apelando:

— Basta! Eu estou bem...

— Não te aproximes, Kelda!

A exclamação de Thorson soou como uma ordem. Ele e o primo estavam frente a frente, com os punhos cerrados e o olhar em chamas. A briga adivinhava-se inevitável.

Halvard espumava pela boca, tal a sanha que o envenenava. Os seus olhos trespassavam Thorson, quais lanças candentes; todo o rancor acumulado a efervescer, ameaçador, letal. Oriana alcançou Kelda e tentou puxá-la para trás. Todavia, a pequena resistiu, acreditando ainda ser capaz de apaziguar o ânimo do seu gémeo.

— Halvard, pára... — começou. Porém, a sua voz foi a gota de lava que o fez explodir.

Halvard acometeu contra Thorson, urrando tresloucado. Contudo, em vez de corresponder à agressão, o primo desviou-se no último instante, impondo-lhe um cambaleio aparatoso. Depois, sem perder

tempo, aproveitou o desequilíbrio do mais novo para agarrá-lo por um braço e prendê-lo junto ao corpo. Perplexo ante o seu falhanço, Halvard resistiu, estrebuchando violentamente; os traços bonitos e delicados do rosto deformados pelo mais puro dos ódios.

— Larga-me ou hás-de arrepender-te! — berrou num tom irreconhecível.

— Vamos para casa — decidiu Thorson, aumentando a firmeza do aperto. — Tens muito que explicar aos teus pais.

— Não vou...

— Vais, nem que eu tenha de te arrastar!

Dito isso, começou a empuxar o primo em direcção à floresta. Por um momento, a sua determinação subjogou a revolta de Halvard. No entanto, o outro não demorou a recompor-se, torcendo o corpo para encará-lo e desdenhando entredentes:

— És tão fraco que metes dó!

Perante o olhar horrorizado das raparigas, Halvard soltou um bramido selvagem e lançou o braço livre contra Thorson. Surpreendido, o primo recebeu a explosão de magia em pleno peito e foi arremessado pelo ar como se não tivesse peso. Tombou desamparado no leito pedregoso do ribeiro... E já não se levantou.

Kelda clamou assustada e precipitou-se para Thorson. Todavia, as pernas fraquejaram-lhe e acabou por escorregar, caindo sobre os seixos. Oriana passou por ela, gritando de aflição... E foi na jovem nativa do Povo dos Penhascos que o olhar incandescente de Halvard se fixou. As suas mãos agitaram-se freneticamente, enquanto mastigava:

— Arde, borboleta! Arde!

Num estalar de dedos, as roupas de Oriana eram devoradas por chamas vivas.

— Halvard... — titubeou Kelda, paralisada de pavor.

Bradando de dor, Oriana mergulhou no ribeiro, esperando que a água pusesse fim ao seu tormento. Thorson permanecia imóvel. Halvard já encarava a irmã... E o tempo sustinha o fôlego. Então, quando tudo parecia perdido, a voz de trovão do Guardiã da Lágrima da Lua fez a terra estremecer:

— O que é que estás a fazer, rapaz?

Dois vultos irromperam da floresta e Kelda desfaleceu de alívio, ao reconhecer os pais. A Guardiã da Lágrima do Sol apressou-se ao encontro da sua protegida. A água extinguiu o fogo que envolvera Oriana mas, tal como Thorson, a pequena não se mexia.

Possuído por um desatino sem justificação, Halvard investia agora contra o pai, rosnando qual cão raivoso. O Rei da Lua agarrou-o pelos ombros e mergulhou no seu olhar ígneo, trespassando-lhe a mente e domando-lhe a vontade. Terrificada, Kelda ouviu a mãe suplicar:

— Edwin... Não!

No instante seguinte, os olhos do seu gémeo fechavam-se e o corpo vigoroso pendia entre as mãos do pai.

A filha do *jarl* Throst e da feiticeira Catelyn da Ilha dos Sonhos engolia a custo o pranto, enquanto os dedos do marido teciam carícias nos seus caracóis dourados, na infrutífera tentativa de a confortar. Um terror abominável pairava sobre os dois... Durante anos, tinham acalentado a esperança de jamais ver nascer o dia em que as malhas funestas da Arte Obscura capturariam a essência do seu varão. Porém, nessa tarde, o pior pesadelo dos Guardiães das Lágrimas do Sol e da Lua não só se tornara realidade, como assumira uma amplitude colossal. O abalo fora tão severo, que ainda nem tinham reunido alento para conversar. Sabiam queurgia decidir o futuro de Halvard, de modo a proteger o mundo da sua influência e, se possível, a resguardá-lo da perversidade que o cruel destino lhe impusera. Todavia, nenhum deles possuía resposta para a acutilante interrogação que os dilacerava: o que fazer?

— Não podemos ser demasiado duros — sussurrou a Rainha do Sol, estrangulada de emoção. — O menino não tem culpa.

— Bem sei, querida — murmurou o Rei da Lua. — Não te esqueças de que também fiz coisas terríveis, enquanto escravo da Arte Obscura.

— Mas nunca te voltaste contra aqueles que amavas com aquela fúria assassina — desabafou a esposa, destroçada.

Edwin estreitou-a com mais força e respirou fundo, antes de replicar:

— Isso não é verdade... Eu magoei-te muito! E só subsisti porque, apesar de tudo, nunca desististe de me salvar.

— A tua essência abraçava a minha — volveu Edwina, angustiada. — Como podemos ajudar o nosso filho, se ele se recusa a abrir-nos o coração?

— Kelda é a única que exerce influência sobre Halvard — ponderou o marido com sobriedade. — Temos de contar-lhe o que se passa e confiar no seu poder de persuasão. Talvez ela consiga reparar o mal que foi feito.

— Quer dizer que ainda tens esperança? — questionou a Rainha do Sol, trémula de ansiedade.

— Sinceramente, não sei... — Edwin hesitou, antes de continuar: — Só quando Halvard despertar poderemos ajuizar os danos que o seu espírito sofreu. O feitiço que lhe lancei mantê-lo-á desacordado por algum tempo... Talvez seja melhor que os outros garotos não estejam aqui no momento em que ele recobrar.

— Tens razão — apoiou a esposa, lastimosa. — Mal a manhã nasça, pedirei à senhora Doralia que os acompanhe até ao castelo viquingue. Thora há-de recebê-los com satisfação e abrigá-los em segurança, enquanto nós cuidamos de Halvard.

O Rei da Lua tornou a suspirar, concluindo:

— Está decidido! Agora descansa, meu amor... Necessitaremos de todas as nossas energias físicas e místicas para atender ao nosso filho.

Essas foram as últimas palavras que Kelda ouviu, na obscuridade da gruta. Pouco depois, a respiração dos pais aprofundou-se, sinal de rendição ao sono. Thorson ressonava baixinho... A pequena sentiu-se inundar pelo alívio, ao recordar que a queda aparatosa do primo apenas resultara na perda momentânea dos sentidos. A forte pancada não tivera consequências, além de um corte profundo na cabeça que sangrara bastante. Já Oriana não se podia alegrar da mesma sorte! O ataque de Halvard causara-lhe queimaduras graves. A Guardiã da Lágrima do Sol apressara-se a atender à sua protegida, usando magia para lhe minorar as dores. No entanto, temia-se que as feridas causadas pelas línguas de fogo demorassem bastante a sarar.

Kelda assombrava-se com o desatino do irmão... E o que acabara de escutar provava-lhe que os seus pais guardavam um segredo bastante grave! Afinal, o que estava a acontecer a Halvard? E como podia ela ajudá-lo? O seu gémeo jamais lhe perdoaria por ter encontrado a fera... Mas que culpa tinha Kelda de o animal se ter atravessado no seu caminho? Aliás, pensando bem, aquilo era muito esquisito! Porque se manifestara uma criatura sagrada a alguém que não possuía magia no sangue?

Enquanto Kelda cogitava, a sua mão deslizou sobre o vestido e deparou com algo estranho. O que estava uma pedra a fazer dentro do bolso? Decerto entrara quando caíra na margem... Então, os seus dedos perscrutaram a forma arredondada e ela lembrou-se do búzio que achara no ribeiro. Esse dia fora repleto de prodígios! Pelo menos, ao contrário da fera, a pequena concha não haveria de lhe causar transtornos.

Os adultos contavam que os búzios albergavam as canções do mar e só esperavam que alguém os encostasse ao ouvido para partilhá-las

com alegria. Desejosa de um conforto que a distraísse da angústia, Kelda aninhou a concha entre os caracóis e aguardou... Aguardou... Será que essa história não passava de uma invenção? Desapontada, dispunha-se a desistir quando foi surpreendida por um rumor melódico, que aumentou de intensidade até se transformar num retumbar poderoso e ameaçador... para depois voltar a decrescer, a murmurar, a envolver, a transmitir uma serenidade apaziguadora e terna. O búzio dedicava uma bela canção a Kelda! Era arrepiante; tão perfeita, que lhe trouxe lágrimas aos olhos.

A pequena deixou-se flutuar nessa harmonia e permitiu-se esquecer as incertezas e os temores. A canção do mar preenchia-lhe a mente e abraçava-lhe o espírito. Seria imaginação? Sonho? Ou algo mais? Deu por si a voar por cima das ondas... Porém, não estava sozinha! Perdeu o fôlego ao constatar que repousava sobre as costas de uma águia gigante, cujas penas negras se confundiriam com a densa noite, não fossem os reflexos de prata que as enfeitavam. No instante em que abraçou a companheira, Kelda sentiu-se invadir por um calor que a enlevou. Tudo era tranquilidade... Satisfação! Nada voltaria a perturbá-la. Nada tornaria a ameaçá-la. Nada, nunca mais, poderia feri-la.

O alerta do instinto chegou, qual desconforto repentino, rasgando o aprazimento do sonho. O mar desapareceu e a águia dissipou-se como névoa. Ainda adormecida, Kelda tomou consciência da suavidade da manta de lã; do búzio mudo, encerrado na palma da sua mão; da luz bruxuleante da fogueira, que aquecia a gruta na noite da Montanha Sagrada... Todavia, os seus olhos só se abriram para a realidade quando o ar que lhe acariciava o rosto sofreu uma oscilação brusca. Alguém se esgueirava para fora da caverna, tão silencioso e arredio quanto um ladrão. Com o coração alvoroçado, percorreu as camas com o olhar... E verificou que as cobertas de Halvard estavam vazias.

Levantou-se com um salto. Como podia o seu irmão estar de pé se o pai lhe lançara um feitiço poderoso, que lhe usurpara os sentidos? Supostamente, deveria faltar muito para Halvard acordar! E agora? Se gritasse um alerta, ele ficaria ainda mais zangado. No entanto, não podia deixá-lo embrenhar-se nas trevas, em busca de novos sarilhos, sem nada fazer! Num ímpeto arrebatado precipitou-se atrás do seu gémeo. Se o alcançasse, talvez o convencesse a voltar para a cama, antes que mais alguém desse pela sua falta.

O ar gélido da noite cortou-lhe a respiração. Trémula de frio e de medo, Kelda apurou o olhar, a tempo de ver Halvard entrar no bos-

que. Estaria novamente no encalço da fera? Encheu-se de coragem e seguiu-o, correndo sobre o solo acidentado. Sempre se movera bem na floresta... Contudo, hoje o avanço parecia-lhe ainda mais fácil, como se o seu corpo fosse vento e os pés mal necessitassem de tocar o chão. O modo como distinguia os obstáculos na bruma também era diferente... Seria o pavor que lhe apurava a percepção? Ainda assim, não conseguia alcançar o irmão.

— Halvard! — apelou, temendo perder-lhe o rasto. — Halvard, espera!

De repente tornou a enxergá-lo não muito longe, fixando-a com a perplexidade declarada no rosto. Era óbvio que se interrogava como é que Kelda o ouvira sair, se não fizera o mais leve ruído. E como fora capaz de acompanhá-lo? O olhar verde rasgou a cerração, temendo ver os pais. Porém, mal concluiu que a irmã viera sozinha, retomou a fuga com redobrado vigor.

A essência do primogénito dos Guardiães das Lágrimas do Sol e da Lua encontrava-se rodeada por flamas. A sua carne consumia-se. O espírito ardia... E, ainda assim, ele subsistia.

As mãos e os pés de Halvard estavam acorrentados com elos de magia, que o impediam de se mover. Esse duro castigo fora-lhe infligido pelo próprio pai, na tentativa de domar a sua vontade. Quando Edwin conduzira o filho à plácida serenidade do vazio místico, pretendia que se acalmasse e ponderasse na gravidade dos seus feitos, para que, ao despertar, a sua consciência se pudesse reabilitar. Porém, mal o Rei da Lua regressara à realidade, o fogo esgueirara-se pelas frinchas daquele mundo criado para sarar e devastara-o com veemência. De seguida aflorara a essência do prisioneiro, que o assimilara com satisfação. A cada instante, a dor de Halvard transformava-se em prazer, a mágoa em contentamento, a raiva... A raiva crescia e avigorava-se, alimentava o seu poder e enfraquecia as amarras que o cingiam.

Foi então que a voz tentadora ecoou dentro da mente:

— *Desce a Montanha, Filho do Dragão!*

Uma forma negra emergiu do fogo instigador. Possuía o aspecto de um homem alto e esguio, mas rutilava com um esplendor escarlate. Quedou-se a flutuar diante do pequeno rebelde, antes de se pronunciar:

— *A tua determinação é forte, Halvard da Montanha Sagrada! Contudo, não o suficiente para destroçar as correntes que te mantêm cativo da tirania dos teus pais! Eu posso libertar-te... Ajudar-te a conquistar aquilo com que sonhas e o que ainda está para além da tua imaginação.*

— Quem...? — arquejou o rapaz, paralisado de espanto. — Quem sois vós?

— *Sou o feiticeiro que os deuses escolheram para te treinar. Se me seguires, bás-de chamar-me «mestre» e, sob a minha orientação, aprenderás todos os segredos da magia.*

— Foram... Foram os deuses que vos enviaram?

A figura que resplandecia entre as flamas aproximou-se, permitindo que Halvard se deslumbrasse com o seu imensurável poder.

— *E como poderia ser de outro modo? O olhar dos deuses repousa sobre ti... Tu és o eleito entre os eleitos, para te tornares o líder dos líderes! O Guardiã do Conhecimento Absoluto das Lágrimas do Sol e da Lua.*

Ao ouvir isso, Halvard cuspiu o seu rancor:

— Eu jamais serei Guardiã da Lágrima do Sol! A minha mãe decidiu entregar o seu poder ao meu primo Thorson.

— *Sim... —* silvou a forma pulsante de vermelho e preto. — *Porém, não deveria aquele que é o futuro rei do povo vândalo estar na sua terra, a aprender a governar, em vez de se intrometer no seio da tua família e usurpar descaradamente a tua herança de sangue?*

— É isso mesmo que eu penso! — afirmou Halvard, satisfeito por encontrar alguém que partilhava da sua opinião. — Contudo, quando nasci, aquele imbecil já tinha recebido essa graça... — A sua voz denunciou ansiedade ao acrescentar: — No entanto, o meu pai prometeu que, em breve, me nomeará Guardiã da Lágrima da Lua.

— *Em breve? Tu és um jovem inteligente... Porque aguardaria o teu pai, se tencionasse cumprir essa promessa? Quantas vezes te permitiu que tocassem no seu cristal? E, quando o fez, deixou-te explorar livremente a sua magia?*

Essas palavras ferinas trespassaram o orgulho de Halvard, qual ferrão envenenado. Engoliu em seco e só a custo respondeu:

— Não. O meu pai diz que há regras... Que ainda não estou preparado...

— *Mas o teu primo está!* — atalhou a sombra flamante, instigadoramente. — *Ao Thorson não são impostas restrições; ninguém obriga a recuar. E a cegueira dos teus pais só lbe aumenta a ambição! Será Guardiã da Lágrima do Sol... E será Guardiã da Lágrima da Lua se nada fizeres para o impedir! Neste preciso instante, conspira contra ti... Ele é um bravo, e tu, um louco perigoso!* — O tom do feiticeiro abrasou-se ao constatar a eficácia do seu discurso no olhar furibundo do rapaz. — *Os deuses puseram a sua marca nos dois, para que o destino escolhesse o mais capaz. Hoje, ao confrontares Thorson, demonstraste a excelência da tua magia. Contudo, ao invés de se orgulharem e de admitirem a superioridade do seu varão, os teus pais*

castigaram-te. Por isso, os deuses resolveram interferir, enviando-me para fazer justiça, repondo a verdade. A honra de herdar o Conhecimento Absoluto deve ser atribuída àquele que provou ser mais forte. Tu, Halvard da Montanha Sagrada, serás o Filho do Dragão! O guerreiro-feiticeiro de que fala a profecia, capaz de fundir e absorver a magia das Lágrimas do Sol e da Lua... Um deus nascido na Terra, destinado a governar todos os povos!

Halvard estava tão transtornado que mal conseguia respirar. O seu primo era um ladrão... E os pais não passavam de traidores! Todavia, em simultâneo, jubilava. Os deuses tinham reconhecido o seu valor e enviado um feiticeiro para lhe falar. E esse ser, com a essência mais poderosa que o rapaz já divisara, oferecia-se para lhe ensinar todos os segredos da Arte, de modo a que ele pudesse cumprir o seu destino.

Extasiado com a promessa do trono da Terra, Halvard lutou contra as amarras que o mantinham cativo. Porém, o sortilégio do seu pai prevalecia. Acabou a suplicar, por entre fôlegos entrecortados de expectativa:

— Por favor... O que devo fazer para me libertar e te seguir?

— *Só tens de me aceitar como teu mestre e descer a Montanha.*

— Mas... Como aprenderei a Arte sem as Lágrimas do Sol e da Lua?

— *Eu dar-te-ei toda a instrução de que necessitas. Pela minha mão, subirás à Ilha Sagrada, lá viverás e treinarás. E, no dia em que estiveres preparado para fundir a magia dos cristais, havemos de resgatá-los àqueles que não são dignos de os guardar.*

Halvard reconhecia a equidade das declarações do feiticeiro. Os Guardiães tinham desconsiderado a vontade divina, ao desprezá-lo para favorecerem Thorson. E, por tamanho aleive, mereciam ser castigados! Quanto a si, só tinha de optar entre a humilhação ou a glória... Não era uma escolha difícil! Encheu o peito de ar e afirmou solenemente:

— Hei-de seguir-te e cumprir as tuas indicações, mestre!

Sem mais delongas, o ente de energia pulsante estendeu um braço e tocou na testa do pequeno prodígio, exclamando vitorioso:

— *Que assim seja! Acorda e vem até mim, Filho do Dragão.*

— Halvard! — gritou Kelda, cada vez mais assustada, ao verificar que a corrida desembestada do irmão os conduzia à fronteira com a Floresta dos Carvalhos. Nem podia acreditar que ele teria coragem de pôr um pé fora da protecção da Montanha Sagrada, desobedecendo à mais fundamental das regras! Porém, o rapaz nem vacilou na resolução. Ignorando os sucessivos apelos, penetrou no bosque cerrado e arrostou a escuridão da noite. Só então se deteve e fixou a sua gémea, com um esgar de desafio:

— Desististe de me seguir, Kelda? Não me digas que estás com medo!

A pequena estacara no limite do trilho mágico, sem fôlego e a tremer. Porque não bradara um alerta, antes de se lançar em perseguição de Halvard? Ao tentar evitar-lhe uma punição maior, acabara por cair numa intrincada armadilha. Não podia continuar atrás do irmão... Mas como suster a sua loucura?

— Volta para trás! — rogou, tentando manter a voz firme. — Se os nossos pais descobrem o que estás a fazer, põem-te de castigo até te crescerem barbas brancas.

Para alívio de Kelda, Halvard começou a andar ao seu encontro. Ainda assim, quedou-se fora de alcance e retrucou, num tom carregado de petulância:

— Não me interessa o que os pais pensam. Eles já não mandam em mim! Vou-me embora...

— Perdeste o juízo? — altercou a pequena, gesticulando aflita.

— Não podes sair da Montanha!

— E porque não?

O queixo de Kelda pendeu, ante a sua obstinação.

— Porque não podes abandonar a nossa casa — titubeou. — E a nossa família...

A gargalhada do irmão deixou-a perplexa.

— Eu não preciso de uma casa nem de uma família — confrontou-a, cuspidando desdém. — No fim, até estarei a fazer um favor aos nossos pais! Se desaparecer, eles poderão dedicar-se ao treino do ignóbil do Thorson, sem me terem por perto a atrapalhar.

— Estás completamente doido! — exclamou Kelda, horripilada.

— E tu, completamente parva! Não vês que os nossos pais não querem saber de nós? Só se importam com os seus preciosos Thorson e Oriana...

— Pára de dizer asneiras!

— Asneiras? Por acaso julgas que gostam de ti? Acorda, irmãzinha! Para os nossos pais, tu és uma decepção! A recusa da magia em se manifestar no teu sangue torna-te... imperfeita!

— Estás a ser mau! — queixou-se a pequena, à beira das lágrimas.

— Não! — volveu o seu gémeo. — Estou a falar verdade! A menina dos Guardiães não és tu... É a Oriana! Quantas vezes já te elogiaram? Nenhuma! No entanto, não se cansam de gabar a bastarda da Ilha dos Penhascos.

— Não fales assim! — soluçou Kelda magoada. — A Oriana é minha amiga...

— Se fosse tua amiga, não te roubaria o colo da nossa mãe — devolveu Halvard implacável. — Não exibiria as suas habilidades mágicas, só para te diminuir...

— Cala-te!

— Coitadinha da Kelda! Pobrezinha, não é capaz... Lá temos de suportá-la como um fardo, porque o povo não acharia bem se a atirássemos aos lobos.

— Pára!

As pernas de Kelda cederam. Caiu no chão, chorando compulsivamente, enquanto Halvard empinava o nariz, triunfante. Não sentia nenhum remorso por ter destruído o espírito da irmã. Pelo contrário... Era bem feito, para que aprendesse a não se atravessar no seu caminho! Aliás, o que estava a acontecer era culpa sua. Se Kelda não tivesse ousado competir consigo pelos favores da fera sagrada, ele não teria perdido a cabeça... De repente, uma ideia fenomenal cruzou-lhe a mente e fê-lo sorrir. O que desesperaria mais os seus pais do que perderem um filho? Perderem os dois filhos de uma assentada!

Sem desperdiçar tempo destruiu a distância que o separava da irmã e ajoelhou-se ao seu lado. A menina estava tão transtornada que nem resistiu quando ele a estreitou contra o peito e começou a embalá-la. Satisfeito, Halvard engoliu o fel que lhe queimava a garganta, para que a sua voz soasse terna ao murmurar-lhe ao ouvido:

— Os deuses enviaram-me um mensageiro... Eu fui escolhido para me tornar guerreiro-feiticeiro, como sempre quis! Por isso, devo partir ao encontro do meu novo mestre... Contudo, dói-me o coração por te deixar! Gosto muito de ti, Kelda, mesmo sem fazeres magia. Vem comigo! Cuidarei de ti e, quando herdar o trono da Terra, deixar-te-ei reinar ao meu lado.

A pequena fixou-o com o olhar dorido e arfou, por entre os soluços do pranto:

— A sério?

— Sim — assegurou ele, acariciando-lhe os caracóis. — Tu és a minha querida irmãzinha... Nós estamos unidos desde o primeiro instante das nossas vidas e devemos ficar juntos para sempre. Vem! Provaremos ao mundo que só necessitamos um do outro para vencer.

Subjugada pela dor, Kelda permitiu que ele a amparasse. Logo o trilho da Montanha Sagrada ficava para trás, enquanto Halvard guiava

os seus passos débeis através do solo gelado da Floresta dos Carvalhos. A escuridão era como uma parede sólida diante deles e o vigor irado do vento quase lhes rasgava a pele. Os dentes da pequena já batiam quando, de súbito, o negrume do céu se fendeu e um corredor de fogo deslizou do seu interior.

O fenómeno foi tão inesperado e brusco que Kelda gritou. Teria fugido apavorada se Halvard não a agarrasse com firmeza. O clarão que perturbava a noite era tão intenso que os dois irmãos ficaram momentaneamente encandeados... E, quando recuperaram a visão, um homem quedava-se à sua frente, fixando-os com uma expressão velada.

De imediato, Halvard puxou Kelda para trás de si. A menina balbuciou o seu nome, tão aterrada que o coração quase lhe saltava pela boca. Quem era aquele homem que espargia luz? Até ao momento, ela só vira os pais brilharem assim ao evocarem a magia! Com um esforço supremo de vontade, atreveu-se a espreitar, tentando entender o que se passava.

O desconhecido era extraordinariamente alto e magro. Trajava uma túnica comprida e larga de cor branca, bordada com fios dourados que rutilavam sob a claridade que se fundia com a bruma. A sua capa estava presa ao peito por um broche de ouro, que se assemelhava ao punho de um homem. Porém, não foi a opulência das vestes que mais desconcertou Kelda, mas o facto de lhe surpreender traços familiares. Aquele homem podia perfeitamente ser parente da sua mãe! Apesar de longos e lisos, os seus cabelos possuíam a mesma cor dourada e o olhar azul recordava o mais límpido céu de Verão. Todavia, ao contrário dos olhos de Edwina, estes revelavam-se despidos de calor. Eram... gélidos como um glaciár! Kelda sempre ouvira dizer que a natureza de um ser se reflectia no olhar. Se isso fosse verdade, estavam perante uma criatura com um coração de pedra. O instinto da pequena alertava-a para um perigo colossal... Foi com assombro que ouviu o irmão interpelar, trémulo de ansiedade:

— Mestre?

A voz do desconhecido entrançou-se no assobio do vento e provocou calafrios a Kelda:

— Sim, Filho do Dragão... Estás pronto para abraçar o teu destino?

— Halvard... — interferiu a menina, apertando-lhe o braço com urgência; o medo cravando garras no seu espírito, ao apreender finalmente o significado da história que o gémeo lhe confidenciara. — Este homem está-te a enganar!

O feiticeiro mirou-a de esquelha, como se lhe atribuísse pouca ou nenhuma importância. Halvard também fingia não a ter ouvido e já anunciava:

— A minha irmã vem comigo.

O olhar azul estreitou-se e tornou-se ainda mais ferino quando o pretense benfeitor replicou num tom que não admitia contestação:

— Não. A sua presença só serviria para te distrair.

Halvard não gostava de ser contrariado. Decidira que Kelda haveria de acompanhá-lo e não pretendia resignar-se à recusa. No entanto, teria de ser cuidadoso na argumentação, para não irritar o novo mestre. Afinal, não podia perder a oportunidade que este lhe oferecia! Agora que os seus olhos se tinham habituado ao esplendor, enxergava perfeitamente o caminho mágico que tocava o solo da floresta e se estendia até ao céu, rasgando as nuvens cerradas que cobriam o Norte. Logo acima desse manto opressor pairavam nuvens como Halvard nunca vira, de um branco níveo enxertado de prata, que permitiam divisar os contornos de um mundo há muito proibido à percepção do Homem: a Ilha Sagrada, tão imponente e magnífica como «O Que Tudo Vê» a pintara. Aquele berço de magia seria a sua nova morada... Ali, realizar-se-iam todos os seus sonhos!

Enquanto o irmão se debatia com esse dilema, Kelda tentava convencê-lo a recuar. Porém era o mesmo que pretender mover uma montanha. O seu protesto tornou-se tão veemente que Halvard acabou por lhe dar atenção, sacudindo-a e ordenando contrariado:

— Cala-te, parva! Não vês que estou a pedir por ti...

— Não confies nestes homens! — rogou Kelda, com acérrima convicção. — Se viessem por bem, buscar-te-iam às escondidas?

— Quais homens? — retrucou o rapaz, impaciente. — Só aqui está o meu mestre...

— E o outro que espreita no trilho? —olveu a irmã, apontando para o caminho de luz. — Eles querem fazer-te mal! Por isso te pediram que deixasses a protecção da Montanha... Voltemos para casa, mano, antes que seja tarde!

Halvard olhava sem nada ver... Outro homem no trilho que conduzia à Ilha Sagrada? Pretenderia Kelda assustá-lo? Dispunha-se a repreendê-la quando o seu mestre sussurrou num tom carregado de admiração:

— Impressionante!

Então, uma voz igualmente perplexa brotou da candência do trilho:

— Como é que a fedelha rompeu a minha ilusão?

— É isso que pretendo descobrir! — replicou o companheiro.
E investiu contra os dois irmãos.

Kelda clamou de aflição e puxou pelo braço de Halvard, tentando fugir. Contudo, ele não reagiu. Abismado, finalmente lobbri-gava o segundo homem a quem a sua gémea se referira, alto e magro, trajando da mesma forma que o primeiro... Teria estado sempre ali? Como é que a sua presença lhe passara despercebida?

— Não se atreva a pôr-me as mãos em cima!

O berro de Kelda trouxe Halvard à realidade, a tempo de escudá-la com o seu corpo. Depois, surpreendido e desgostoso, confrontou o enviado dos deuses com os punhos cerrados:

— O que significa isto? Quem é aquele...?

— Mestre Ingimar é um Sacerdote do Conselho dos Seres Superiores — atalhou o outro, denunciando impaciência. — Tal como eu, veio para te dar as boas-vindas.

— Mas... — balbuciou Halvard, confuso. Porém, o feiticeiro silenciou-o com um olhar capaz de paralisar um raio, prosseguindo numa voz que se ia alterando em contacto com o ar; tornando-se tranquila e sedutora, sem vestígios de exasperação:

— A proposta que te fiz representa uma honra sem precedentes! Há centenas de anos que nenhum ente de sangue misto pisa o solo da Ilha Sagrada. O Conselho dos Seres Superiores decidiu acolher-te, abrir-te as portas do Castelo de Cristal e oferecer-te os ensinamentos que mereces, porque és especial. Se vieres connosco, Filho do Dragão, o teu futuro será feito de conquistas e glórias, como aquelas que vislumbras nos teus sonhos.

Por trás do seu gémeo, Kelda tremia de medo. Apercebia-se de que o discernimento de Halvard enfraquecia a cada palavra proferida. O seu coração quase parou quando a sinistra figura concluiu:

— E se fazes questão de que a tua irmã te acompanhe, nada tenho a objectar.

— Halvard...

Assim que o seu gémeo a encarou, Kelda soube que estavam perdidos.

— Eu vou para a Ilha Sagrada... — afirmou ele, arrastando a voz.
— E tu vens comigo!

— Não!

Por mero instinto, Kelda deixou-se cair, usando o peso do corpo para se libertar. Halvard ficou tão surpreendido que a soltou... E a

pequena levantou-se de um salto e desatou a correr, o mais rápido que as pernas lho permitiam, rumo ao trilho da Montanha Sagrada.

— Kelda! — berrou o irmão furioso. E acometeu atrás dela, tentando detê-la.

— Era só o que me faltava! — praguejou o feiticeiro, com o sangue a subir-lhe ao rosto numa onda de ira assoladora.

No limite do trilho mágico, o outro Ser Superior rugiu com uma ferocidade brutal:

— Faz qualquer coisa... Sei que querias que o rapaz te seguisse de livre vontade, mas essa tolice já foi longe demais! Estamos a ficar sem tempo.

— Quem julga aquela petulante que é, para me afrontar? — mastigou o companheiro como se não o tivesse escutado. E lançou-se em perseguição das crianças. A excelência do seu poder permitia-lhe mover-se mais rápido do que o vento. Em menos de nada ultrapassara Halvard. Só mais um fôlego e cairia sobre Kelda.

A pequena não divisava o que se passava nas suas costas... Porém, contrariando toda a razão, não só tinha consciência da distância a que o irmão se encontrava, como pressentia a força descomunal que estava prestes a esmagá-la. Era impossível escapar! Num impulso desesperado, cerrou os dentes, prendeu o fôlego dentro do peito, prostrou-se no chão e enrolou-se sobre si própria, como se tal pudesse preservá-la da fatalidade.

Um vento funesto passou por Kelda e agitou-lhe os cabelos... Todavia, não se deteve. Sem se atrever a respirar, a menina verificou que Halvard se quedava a dois passos. Olhava em redor, parecendo atordoado, e a sua voz reflectia perplexidade ao clamar:

— Onde estás, Kelda? Responde!

A irmã fitou-o, atónita. Mais um pouco, Halvard enfiaria uma bota na sua boca! Porque fingia não a ver? O seu sangue gelou quando o feiticeiro se aproximou. O olhar celeste vagueou sobre ela... e fixou-se adiante. O coração de Kelda falhou uma batida, quando a horripilante criatura exclamou:

— Que magia extraordinária! Quem diria que aquela inepta escondia tamanho poder?

— Magia? — balbuciou Halvard, sacudindo a cabeça em negação.

— A Kelda? Não! Ela é incapaz de executar o mais simples dos encantamentos.

— Deveras? E como explicas que se tenha sumido no ar?

— Decerto escondeu-se...

— Sim — fremiu o feiticeiro, trespassando Halvard com o olhar cortante. — E bem debaixo do nosso nariz! — Virou-lhe as costas e começou a caminhar em círculos, perscrutando cada pedaço de solo da floresta. — Sinto o vogar da sua essência... Porque não consigo localizá-la?

— Isso... Isso é impossível! — entaramelava Halvard, perdido na confusão que fazia a sua cabeça latejar. Quase saltou das botas quando o trilho que conduzia à Ilha Sagrada surgiu novamente ao seu lado, inundando de luz as brumas da floresta. Da segurança desse esplendor que magoava o olhar, o feiticeiro chamado Ingimar bramiu um alerta:

— Eles estão a chegar!

Ao ouvir isso, o companheiro agitou os punhos e pontapeou o vazio, replicando num tom carcomido pela frustração:

— Não posso deixar ficar a rapariga... Mesmo em bruto, o seu poder é fenomenal! Imaginas o que estes dois serão capazes de fazer, se trabalharem juntos?

— Nós não precisamos dela! — contestou o outro, fulminado pela ansiedade. — Esquece-a, antes que deites tudo a perder! Queres travar uma batalha aqui?

A capa que cingia os ombros do feiticeiro roçou a testa de Kelda. Os pulmões da pequena ardiavam e contraíam-se, tal a necessidade de respirar. No entanto, resistia. Não compreendia que capricho da sorte a salvara, encobrindo-a do olhar dos seus perseguidores, mas não podia desistir agora que os pais se aproximavam. Sentia o calor aconchegante da sua energia em cada partícula agonizante da essência. Só mais um pouco...

O urro irado do feiticeiro quase quebrou a vontade de Kelda. Antes que pensasse em reagir, já o funesto ser cravara as garras nos ombros de Halvard e arrastava-o em direcção ao trilho cintilante. Apanhado de surpresa, o rapaz debateu-se e reclamou:

— A minha irmã... Não quero ir sem a minha irmã!

O feiticeiro soprou de desprezo e levantou Halvard no ar sem a menor dificuldade. Depois, devassou-lhe a mente com o olhar ígneo de maldade, cuspidando a sua sanha:

— Basta de pieguices! Sou eu quem decide o que tu queres ou não queres, criatura néscia!

— Kelda! — ainda gritou Halvard, antes de tombar inconsciente. O choque da pequena foi tão violento, que se esqueceu da necessidade de permanecer oculta. Susteve-se, a tempo de ver o irmão ser arremessado sobre o ombro do feiticeiro, no momento em que este alcan-

çava o trilho da Ilha Sagrada. Num impulso de coragem, decidiu correr em seu socorro... Porém, nesse preciso instante, dois brados troaram nas suas costas, num único apelo carregado de agonia:

— Halvard!

O Guardiã da Lágrima da Lua passou pela filha como um relâmpago. Kelda quase desmaiou, ao sentir-se envolver pelo conforto protector dos braços de sua mãe. A Guardiã da Lágrima do Sol esmagou-a contra si, sufocada pelo pranto.

— Meu querido filho... — gemeu. E, ante esse desabafo, Kelda percebeu que eles tinham chegado demasiado tarde. Afundou o rosto no colo da mãe, incapaz de olhar para trás. Os uivos atormentados do pai feriam-lhe os ouvidos e rasgavam-lhe o coração:

— Sigarr! Volta e enfrenta-me, vil cobarde!

As pernas da Guardiã da Lágrima do Sol cederam sob o seu peso. Quando a mãe desfaleceu, Kelda deparou-se com o caminho fulgente que recuava em direcção ao céu. O feiticeiro Ingimar desaparecera, desprezando a angústia daqueles que se quedavam na Terra. Contudo, o mentor de toda aquela desgraça estava bem visível, exibindo o corpo desacordado de Halvard deitado sobre o seu ombro como um troféu de caça. Sorria deliciado... E a sua voz alardeava um escárnio triunfante, ao rematar:

— A vingança sabe a mel, néscio aprendiz! Esperavas que passasse o resto dos meus dias a amargar a tua vitória? A carpir pela humilhação que me impuseste? Devias conhecer-me melhor! Um dia roubei-te do berço da tua mãe... Hoje carrego comigo a tua semente. Prepara bem as defesas, reles traidor, porque ainda mal comecei!